

Albert von Brunn

**Mircea Eliade em Portugal (1940-1944)**





### **Mircea Eliade em Portugal (1940-1944)**

«...E, de repente, surgiram na minha memória as imagens dos parques na província portuguesa. Lembro-me da sua melancolia terrível. Mundos há muitos mortos que só aguardam o punho vigoroso do bárbaro para se descomporem»<sup>1</sup>. Este apontamento de Mircea Eliade no seu diário (7-II-1965) evoca uma época até agora pouco conhecida na vida do grande sábio romeno – os seus anos em Lisboa.

Em 1941 Mircea Eliade foi nomeado secretário de imprensa na capital portuguesa. Esta impressionou-o muito favoravelmente: «Lisboa conquistou-me desde o primeiro dia (...). No último ano da minha estadia em Calcutta tinha começado a aprender o português com método e paixão<sup>2</sup>». Mircea Eliade entrou em contacto com jornalistas portugueses e com o director do então Ministério de Informação e Propaganda António Ferro (1895-1956). Ao mesmo tempo iniciou o estudo da obra de Camões.

### **Camões e Eminescu**

Durante a sua estada na Índia (1928-1931) Mircea Eliade tinha-se apaixonado por *Os Lusíadas*: «O meu desejo secreto era o de me concentrar no estudo da vida e da obra de Camões. Pouco a pouco comprei todas as edições anotadas dos *Sonetos* e de *Os Lusíadas* e, numa tarde de primavera, tive a sorte de encontrar na loja dum alfarrabista a famosa monografia de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, há muito esgotada. A minha paixão por Camões tinha ainda um outro motivo: a sua biografia e a sua poesia estão ligadas a uma região da Índia que eu não conhecera – Goa e a Costa de Malabar. Tinha o propósito de escrever um livro sobre Camões e a Índia portuguesa. Achava interessante (e dalguma maneira simbólico) o fato de que um romeno que vivera e estudara no Bengala apresentasse o mais grande poeta lusitano que tinha vivido – há três séculos – na outra costa, a costa ocidental da Índia. Este livro, porém, como muitos outros, não passou dum projecto inacabado<sup>3</sup>.»

O primeiro resultado dos esforços de Mircea Eliade foi um artigo intitulado «Camões e Eminescu» no jornal *Acção* (3-IX-1942). «Quero começar por delimitar a finalidade deste artigo», escreve Eliade, que não é um trabalho de história literária e em que não vou rebuscar as eventuais influências camoneanas

que se poderiam encontrar na obra do grande escritor romeno Mihai Eminescu. Aproximando os nomes de dois dos maiores poetas, da latinidade, penso sobretudo na contribuição positiva que cada um deles trouxe ao enriquecimento do génio latino.» A literatura deve a Camões a descoberta estética do oceano, até à data uma «terra incógnita», ao passo que Eminescu, o poeta nacional romeno, descobrira uma província considerada até então como bárbara pelos romanos: a Dácia. Uma terra privada de cultura, como a definiu Ovídio, foi assim descoberta pelo génio de Eminescu, que deu um valor universal aos seus mitos.

Eliade estudou durante toda a sua vida a poesia de Mihai Eminescu que era para ele – o emigrante – a via de acesso mais directa às próprias raízes, à sua identidade e criatividade. Em 1939 Eliade tinha publicado um estudo, *Insula lui Euthanasius*, onde abordara a novela *Cezara*, e chamara a atenção para o facto de esta «ínsula de Eutanásio», um episódio da novela de Eminescu, constituir a visão mais acabada do paraíso em toda a literatura romena, um paraíso muito particular: para Eminescu, o éden significa reunificação com a natureza, diluição do «eu» no bosque, na luz, na atmosfera. Eliade retomou estas ideias no artigo português que publicou no jornal *Acção* (1-X-1942) sob o título: «Eminescu – poeta da raça romena», ensaio que depois serviu de prefácio à primeira antologia portuguesa dos versos de Mihai Eminescu<sup>4</sup>.

Além dos seus trabalhos sobre Camões e Eminescu, Eliade apresentou ao público leitor português uma série de personalidades romenas: o hispanista Alexandru Popescu-Telega (\*1889, em: *A Voz*, 6-II-1943), o historiador Nicolae Iorga (1871-1940, em: *Acção*, 24-II-1944) e o romancista Liviu Rebreanu (1885-1944, em: *Acção*, 26-VIII-1943).

### **Os Romanos, Latinos do Oriente**

Além da sua actividade diplomática e periodística, Eliade elaborou, em 1942-1943, uma introdução à história da cultura romena, que saiu em 1943, sob o título *Os Romanos, Latinos do Oriente*. No seu livro, Eliade parte de uma ideia básica: A missão do povo romeno consiste em manter aberta a foz do Danúbio para a Europa. Os romenos – povo pioneiro à margem da Europa – cumpriram esta missão durante séculos, primeiro na luta contra os turcos e mais tarde contra a Rússia bolchevista. Esta situação precária de povo de fronteira manifestar-se-ia – segundo Eliade – em dois mitos centrais: a lenda de *Mestre Manolé* e a balada *Miorita* (O Cordeirinho). Ambas as lendas têm uma coisa em comum: o sacrifício é o centro da acção.

No seu artigo «A Lenda de Mestre Manolé»<sup>5</sup>, Mircea Eliade apresenta esta balada aos leitores da *Acção* (29-IV-1943): «A Lenda de Mestre Manolé (...) localiza-se em torno da construção da Catedral de Curtea de Argesh, que se efectuou nos princípios do século XVI, mas a sua origem é muito mais remota (...). A balada começa pela procura dum lugar para a criação do mosteiro. O Príncipe lendário, Negru Voda, com Mestre Manolé e mais nove mestres construtores, desce à ribeira do Argesh, em demanda de «um muro abandonado e por acabar» (...). Encontrado, por fim, o lugar, Mestre Manolé com os seus nove companheiros deitaram-se ao trabalho. Mas tudo o que levantavam de dia vinha abaixo, misteriosamente, de noite. O Príncipe ameaçou-os de os murar vivos, nos caboucos, se a construção não progredisse (...). Enquanto os seus companheiros recolhiam, vinda a noite, às suas casas, Manolé ficava sozinho (...). Uma noite sonhou que o trabalho de todos seria vão (...) enquanto não fosse murada, em vida, nos alicerces, uma jovem casada. De manhã, Manolé reuniu todos os mestres pedreiros e (...) juraram, em comum, sacrificar a primeira mulher casada que viesse». Quando chegar a mulher do mestre pedreiro, ele mesmo tem que murá-la viva no mosteiro. Uma vez terminadas as obras, Manolé suicida-se.

Na balada *Miorita* o cordeirinho-protagonista anuncia ao seu pastor que os seus parceiros querem matá-lo. Em vez de fugir, o pastor aceita sereno e resignado o seu destino. Pede à sua ovelha favorita que o sepulte junto ao aprisco, sem nunca revelar a sua sorte à mãe, dizendo-lhe que ele teria casado com uma princesa dum país distante. Nos dois mitos, morte e núpcias misturam-se, o sacrifício é interpretado como a reintegração com a Natureza, a própria morte é transfigurada. Estes mitos são, para Eliade, a glorificação da história romena.

Embora os romenos tenham realizado obras primas como os mosteiros da Moldávia, na época de Estêvão o Grande (1457-1504), ou o grande acervo de lírica popular, a Roménia, nunca pôde salvar-se dos golpes da história, dum nova investida de bárbaros. A fusão das grandes correntes culturais que provinham de Bizâncio, Roma, da Montanha de Atos e da civilização francesa criaram uma síntese original na história da cultura europeia.

Em 1941-1942 Eliade trabalhava numa biografia de Salazar. Com a ajuda dos historiadores e jornalistas Manuel Múrias (1900-1960), João Ameal (\*1902), Alfredo Pimenta (1882-1950) e Pedro Correia Marques (\*1890), Eliade escreveu uma hagiografia do ditador português, hoje em dia francamente obsoleta. O mesmo Eliade mudou depois de perspectiva e revelou-se em 1946 muito

mais crítico com respeito a Salazar<sup>6</sup>. *Salazar e a Revolução em Portugal* saiu em 1942 em Bucareste. O capítulo XIV foi publicado em versão portuguesa no jornal *Acção* (30-IX-1943). Nas suas *Memórias*<sup>7</sup> Eliade descreve com luxo de detalhes a genese deste livro, que lhe valeu uma entrevista com o próprio Salazar: «Na tarde de 6 de Julho telefonou-me António Ferro para me anunciar que no dia seguinte ia ser recebido por Salazar às cinco da tarde: Como não encontrei um táxi, cheguei lá quase correndo. O porteiro do Palácio de São Bento perguntou-me para onde ia. “O Senhor Presidente”, respondi. Ele mostrou-me a escada do fundo e disse: “Segundo andar, à direita”. Assim se entra no gabinete do ditador português... Durante aqueles cinco minutos de espera engoli sem fôlego um copo de água: A minha garganta ficara tão seca que receei não poder falar.»

### **A noite escura da alma**

Os últimos dois anos em Lisboa (1943-1944) foram para Eliade um calvário. O que mais o abalou foi a morte de sua mulher, Nina Mares. Para não incomodar o marido, Nina Mares queria ser operada em Bucareste. Quando voltou a Portugal, em Junho de 1943, Eliade verificou que ela estava muito mal. O médico português aconselhou o internamento num sanatório, a Casa de Saúde e Repouso da Lousã, onde Nina passou dois meses com escassos resultados.

A impressão de tristeza dos parques portugueses de província, que Eliade evocará em 1965, provém com certeza deste período na Lousã. Nina Mares morreu no dia 20 de Novembro de 1944, e Eliade partiu para Paris, rumo ao exílio definitivo. Nos últimos anos da sua vida relembrou-a imagem da casa em Cascais: «A casa em que morávamos desde há seis semanas ia ser derrubada até o dia 1.º de Outubro. Vivíamos rodeados de escombros, com um lenço na mão para tapar a boca quando o vento levantava o pó da rua. Esta imagem parecia-me o símbolo duma Europa no fim da Segunda Guerra Mundial<sup>8</sup>.»

### **Noite de São João em Portugal**

Na literatura romena, Portugal é uma espécie de planeta desconhecido, uma «terra incógnita» que fica longe de mais para caber dentro de um horizonte real e palpável. A «Ocidental praia lusitana» torna-se, por isso, um pretexto ideal para evocar um Finisterrae, um liminar entre a realidade e o sonho, entre terra e água. Mircea Eliade, ao lado de Nicolae Iorga (1871-1940) e Lucian Blaga (1895-1961) foi um dos poucos romenos que tiveram

no nosso século um conhecimento directo do país. Ainda assim, revelou-se incapaz de se subtrair a esta visão mítica. Ao escrever nos anos cinquenta o seu romance *Bosque proibido* (Noite de São João), Eliade escolheu Portugal para criar aí o único ninho de felicidade do romance: A Estufa Fria, no Parque Eduardo VII, Cascais e o Buçaco. O protagonista, Stefan Viziru, chega duas vezes a Portugal no meio de uma Europa em guerra. Numa ilha de felicidade junta-se com o seu amor de juventude, Ileana. Não sabe, porém, reter este momento, decifrar o enigma, perde Ileana para sempre e volta à pátria<sup>9</sup>. No prefácio à edição portuguesa do seu romance, Eliade explica a razão da sua escolha, o porquê do ninho de felicidade em Portugal: «Creio que, mais do que qualquer outro trabalho literário meu, este romance poderá interessar o leitor português. Passei cerca de cinco anos em Portugal, e uma parte da acção do romance decorre em Lisboa, Cascais e Coimbra (...) Se os compreendi bem, os Portugueses têm uma determinada concepção do Tempo, da Morte e da História, que lhes permite pressentir o tema central (e «secreto») do romance (...). Parece-me que para os Portugueses (como aliás para os Romanos), o Tempo, a História, a Morte e o Amor conservam o carácter de *mistérios*»<sup>10</sup>.

\* \* \*

Do ponto de vista da ciência das religiões, os anos portugueses de Mircea Eliade aportaram relativamente pouco, já que o sábio romeno não teve tempo para elaborar o grande projecto daquela época: a aplicação do seu ensaio sobre o simbolismo aquático à epopeia de Camões. Por outro lado, Eliade ofereceu aos portugueses uma original síntese da história romena: *Os Romanos, Latinos do Oriente* pode considerar-se, sem lugar a dúvidas, um primeiro esboço do que seria, anos mais tarde, a obra *De Zalmoxis à Genghis-Khan* (Paris, 1970), onde ele aborda os temas fundamentais da mitologia popular romena. Portugal significou para Eliade uma vivência crucial: um adeus à pátria, à própria cultura, à primeira mulher. Só nos últimos anos da vida ele reconstruiu este episódio nas suas *Memórias*.

Albert Von Brunn (Zurique)

### **CAMÕES E EMINESCU** **(«Acção» 3-IX-1942)**

Quero começar por determinar a finalidade deste artigo, que não é trabalho de história literária comparada e em que não vou rebuscar as eventuais influências literárias que se poderiam encontrar na obra do grande escritor romeno Mihai

Eminescu. Aproximando os nomes de dois dos maiores poetas da Latinidade, penso sobretudo na contribuição que cada um deles trouxe ao enriquecimento do génio latino.

É por vezes embaraçoso falar do «génio latino». Com efeito, como todas as expressões análogas, esta é apenas aproximativa, dada a amplidão das realidades que tenta condensar numa fórmula sintética. (...)

Pensou-se que esta designação «génio latino» era excessivamente vaga, porque se refere a realidades bastante heterogéneas: Vergílio e Rabelais, o direito romano e a poesia medieval, Racine e Leopardi, S. João da Cruz e Voltaire, etc. Creio pelo contrário que a expressão «génio latino» – pelo menos no sentido que cada um de nós está habituado a dar-lhe – é demasiado rígida, porque não se refere suficientemente às realidades. Quando se diz «génio latino» ou espiritualidade latina pensa-se imediatamente em Vergílio, Petrarca ou Racine.

Imaginamo-lo, esse «génio latino», como um reservatório inesgotável de valores espirituais límpidos, equilibrados, lógicos, eurítmicos.

Reduziu-se a multiplicidade dos recursos criadores latinos a um pequeno número de qualificativos: clareza, proporção, graça, simplicidade, espontaneidade, etc.

Limitou-se, por consequência, o conceito de «latinidade», em vez de o alargar o suficiente para que ele pudesse consubstanciar todas as criações latinas. (...)

As coisas não são tão simples. (...)

Existe na substância de cada cultura uma contradição originária, um conflito, ou, se quiserem, uma ambivalência que não encontra o seu equilíbrio senão em sínteses extremamente raras. (...) Não é exacto portanto pensar que o «génio latino» exclui sempre as criações que não se enquadram no esquema rígido: clareza, equilíbrio, etc.

Este génio continua «latino» mesmo quando se exprime no patético e na auto-ironia de Cervantes, no pessimismo de Leopardi, no Fervor de Chateaubriand, ou na riqueza confusa de Vítor Hugo. (...)

Comparada às outras estruturas espirituais europeia – germânica, anglo-saxónica, eslava – a latinidade manifesta-se como a mais rica, a mais complexa, e possuindo uma possibilidade inesgotável de se renovar, de se ultrapassar e de renascer das próprias cinzas. Camões e Eminescu são ilustrações magníficas desta força criadora.

Agora algumas observações preliminares: Há povos aos quais incumbe uma missão histórica e outros cujo papel é

principalmente passivo; são estes últimos os povos que se submetem à «história».

A Missão histórica de uma nação julga-se segundo as suas criações espirituais. Só os valores culturais justificam a existência e a missão de um povo.

A história não leva em conta os povos espiritualmente estéreis. Evidentemente, há nações ricas em criações colectivas – como os tesouros folclóricos; outros há cuja aptidão se desenvolve no sentido das criações individuais – como as modernas culturas europeias. Mas fundamentalmente trata-se sempre do mesmo «Gesto» espiritual: a criação. (...)

O que Camões trouxe de novo à cultura universal foi justamente a transformação em valores espirituais das «geografias» e das experiências até então consideradas «bárbaras» e sem nenhuma significação superior.

Rémy de Gourmont escreveu uma vez que o mar é uma descoberta dos românticos e isto talvez seja verdadeiro para o mar nórdico, coberto de brumas, povoado de fantasmas. Mas o glorioso Atlântico e os mares orientais são uma descoberta estética de Camões. (...)

Camões inaugurou assim (...) o exotismo na literatura europeia.

Chateaubriand criou a «moda» exótica, mas Camões justificou com o seu génio uma corrente exótica muito complexa, que começou com a apologia do «bom selvagem» do século XVIII e acaba com Gauguin, as canções negras e a moda da «pele bronzeada» dos nossos dias. (...)

A revolução camoneana consistiu em ter outorgado direitos de cidade não só à beleza das morenas, como também às belezas bárbaras e exótica – pretas como *aquela cativa*, ou chinesas, como Dinamene. (...)

Mas queremos sublinhar desde já a missão latina deste grande escritor português, que incorporou no universo estético europeu inúmeras «Terras incógnitas», que transformou em «bens espirituais» uma infinidade de tesouros ignorados, que enriqueceu a substância da latinidade de experiências, de paisagens e de «gestos» considerados até ele sem nenhuma possibilidade de serem transmutados em objectos de contemplação, em valores espirituais em circulação.

A intervenção de Camões no universo mental europeu permite-nos compreender melhor a latinidade.

É evidente que o contributo de Camões destrói a fórmula de um génio latino reduzido a alguns atributos, como sejam: a elegância, o equilíbrio, a clareza...

Encontramos um fenómeno similar no outro extremo da latinidade europeia, na Roménia.

É o caso do poeta romeno Mihai Eminescu (1850-1889), um dos maiores génios líricos da latinidade, que também poderosamente contribuiu para o alargamento do universo mental europeu. (...)

Exactamente como Camões, Eminescu incorporou uma vasta e selvagem «terra incógnita» e transformou em valores espirituais experiências até a ele consideradas desprovidas de significação.

Camões enriqueceu o mundo latino com paisagens marítimas, flores exóticas, belezas excêntricas.

Eminescu enriqueceu o mesmo «mundo» com uma novidade geográfica – a Dácia – e com novos mitos. Evidentemente, antes dele a poesia popular romena – uma das mais ricas do mundo – tinha criado já, com os mesmos materiais, algumas obras-primas; mas Eminescu é, além de um continuador desta inspiração popular romena, um génio autónomo, criador de mitos.

A Dácia era, para os primeiros romanos, um país de bárbaros, povoado de Citas e de Getas, sacudido pelas tempestades de neve vindas da planície russa.

Lembre-mo-nos das lamentações de Ovídio, no seu exílio de Tomis (a Constança de hoje), nas margens do Mar Negro: «São intoleráveis estes céus e estas águas. Não sei porquê, a própria terra me desagrade» (Tristia – III, 3). (...)

Em resumo, uma terra «bárbara» fora da civilização. *Bárbaros* designa, em grego, o que «gagueja», isto é: o que não pode exprimir-se correctamente. (...)

E a língua latina criando uma nova língua, o romeno, ajudou os habitantes da Dácia a exprimirem-se correctamente, isto é, a perderem o seu «gaguejar» de bárbaros. (...)

Através de um poema de Mihai Eminescu, «A súplica dum Dácio» [Rugăciunea unui Dac], a sensibilidade latina é enriquecida com uma visão trágica da vida que se não parece com a de nenhum dos poetas pessimistas europeus.

A sua obra-prima, «Luceafărul» (A Estrela da Manhã), pode ser considerada como um dos mais belos poemas da literatura mundial e a sua metafísica, a amplitude cósmica em que se desenrola o drama de Hyperion, a beleza estranha, pode dizer-se litúrgica, dos seus versos, são outras tantas adições ao universo mental da latinidade. (...)

Uma doce resignação perante o dever universal, um melancólico desejo de reintegração no Cosmos, de refazer a unidade primordial (quando o indivíduo estava ainda

incorporado no Todo), um sentimento de isolamento metafísico e, especialmente, o inefável «dor» romeno – a «saudade» do outro extremo da latinidade – são outros tantos acréscimos ao repertório espiritual latino.

O pessimismo de Eminescu tem a sua origem numa visão trágica da existência, mas essa visão é sóbria, digna, viril, e nela se encontra a resignação calma dos Dácios e o seu desprezo pela morte e pelos sofrimentos físicos.

O gênio latino enriqueceu-se através da criação poética de Eminescu, exactamente como se enriqueceu com as criações de Campes.

Bastam, pois, estes dois exemplos para nos convenceremos de que o «gênio latino», longe de se repetir indefinidamente em criações estereotipadas, ou pelo menos pertencentes à mesma família espiritual, conserva ainda uma prodigiosa capacidade de renovação, transformando constantemente matérias brutas em valores espirituais, absorvendo infatigavelmente «novas geografias» e novos universos mentais. (...).

Mircea Eliade

### **Cartas de Mircea Eliade a Vítor Buescu**

Publicamos em continuação três cartas de Mircea Eliade a Vítor Buescu, secretário do Leitorado Romeno da Universidade de Lisboa. Trata-se das traduções de dois romances de Eliade (Bibliografia C1, C2) feitas ambas por Maria Leonor Carvalhão Buescu.

#### *1) Procuração de Mircea Eliade para Vítor Buescu*

Chicago, le 28 mars 1960

Per la présente lettre, j'autorise M. Victor Buescu, domicilié à Lisbonne, Rua Castilho, 61-2.º, de traiter en mon nom la traduction portugaise de mes ouvrages.

Mircea Eliade

#### *2) Carta de Mircea Eliade a Vítor Buescu a propósito da «Noite Bengali»*

Chicago, 26 mai 1962

Dragă Domnule Buescu

Nu ne-am mai scris de mult – si de când nu ne-am mei scris s'au mai dus alti câtiva dintre noi, si altii în tară...

(...)

Am aflat întâmplător de apariția lui *Noite Bengali* (dintr'o tăietură de pres – un ziar din Moura (??) trimisă de l'ARGUS de la Presse). Publicată de Ulisseia, nu mă îndoiesc că e vorba de traducerea soției D.<sup>talé</sup>. Ti-as rămâne recunoscător dacă ai ruga editorul să-mi trimeată 2-3 exemplare (...).

Querido Senhor Buescu, [Tradução]

Há muito tempo já que não nos escrevemos – e durante o tempo em que não nos escrevíamos morreram mais alguns dos nossos, e outros ainda na pátria...

(...)

Por acaso soube do aparecimento da *Noite Bengali* (um recorte de imprensa – um jornal de Moura (??) – enviado pela Agência l'ARGUS de la Pressa). Publicado com a chancela da Ulisseia, não tenho dúvida de que se trata da tradução feita pela sua mulher. Ficaria muito agradecido se pudesse pedir ao editor para me mandar 2 ou 3 exemplares.

(...)

3) *Carta de Mircea Eliade a Vítor Buescu a propósito da «Noite Bengali» a do «Bosque proibido»*

Venezia, 12 Sept., 1962

Dragă Domnule Buescu,

Iti multumesc pentru scrisoarea D.<sup>talé</sup> din 15 August plină de atâtea vesti bune. (...)

Întâi si întâi tin să multumesc soției D.<sup>talé</sup> pentru splendida traducere a cărții tinereții noastre, *A Noite Bengali*. Sărut cu recunostință si admiratie mâna care a acoperit pânăcum peste 1000 de pagini... (...)

Sunt foarte încântat că va apare, si încă atât de curând, *Noaptea de Sânziene* [Bosque Proibido]. Nu stiam că editia franceză fusese interzisă – si nici acum nu înteleg sensul acestei interziceri. Trimite-mi, te rog, un exemplar la Chicago (unde voi fi pe la 20 Oct.) iar dacă poti, un alt exemplar la Paris (...).

Querido Senhor Buescu, [Tradução]

Muito obrigado pela s/ carta de 15 de Agosto cheia de tantas boas notícias. (...)

Em primeiro lugar quero agradecer à Sua mulher a esplêndida tradução do livro da nossa juventude, *A Noite Bengali*. Beijo com reconhecimento e admiração a mão que tomou a seu cargo mais de 1000 páginas... (...)

*Mircea Eliade em Portugal (1940-1944).*

Estou entusiasmado por saber que vai aparecer – e tão cedo – Noapte de Sânziene [Bosque Proibido]. Não sabia que a edição francesa tinha sido proibida – e nem sequer agora compreendo a razão desta interdição. Faça o favor de me mandar um exemplar para Chicago (onde estarei a 20 de Out.) e, se puder, um outro exemplar para Paris (...).

[Devo estas cartas à gentileza da Professora Maria Leonor Carvalhão Buescu, da Universidade Nova de Lisboa].

\* Prof. em Filologia Ibero-Românica  
Encarregado de Português na Biblioteca Central de Munique

## Anotações

<sup>1</sup> Mircea Eliade, *Fragments d'un Journal I, 1945-1969*. traduit par Luc Badesco. Paris, 1973, p. 482. A tradução portuguesa foi feita directamente do manuscrito original romeno que devo à gentileza do Prof. Mircea Handoca, Bucareste.

<sup>2</sup> Mircea Eliade, *Mémoire II, 1937-1960. Les moissons du solstice* traduit du roumain par Alain Paruit. Paris, 1988, p. 69. Tradução directa do original romeno.

<sup>3</sup> *ibidem*, p. 70.

<sup>4</sup> Mircea Eliade, «Eminescu – poeta da raça romena» em: *Acção*, 1-X-1942. 2.<sup>a</sup> ed. em: Mihai Eminescu, *Poezii = Poesias*. Lisboa, 1950, pp. 21-32.

<sup>5</sup> Mircea Eliade, «A lenda do Mestre Manolé» em: *Acção*, 29-IV-1943.

<sup>6</sup> Mircea Eliade, *Salazarsi revolutia în Portugalia*. Bucareste, 1942. Numa página inédita do seu *Journal* Eliade observa que Salazar mantinha à sua volta «uma roda oportunista, serviçal e medíocre» (Mircea Handoca, *Din nou despre «Memoriile» lui Mircea Eliade* em: *Revista de istorie si teorie literară* 25 (1987), p. 213).

<sup>7</sup> *ibidem*, [tradução do autor].

<sup>8</sup> *ibidem*, p. 218. [tradução do autor].

<sup>9</sup> Mircea Eliade, *Bosque proibido*. Tradução Maria Leonor Buescu. Lisboa, 1963.

<sup>10</sup> *ibidem*, p. 5. Agradeço a revisão do texto ao Sr. Zeferino Coelho (Editorial Caminho, Lisboa)

## A. Bibliografia activa

1. Latina giuta [gintã e reginã...] em: *Acção*, 5-II-1942.
2. «Camões e Eminescu» em: *Acção*, 3-IX-1942.
3. «Eminescu – poeta da raça romena» em: *Acção*, 1-X-1942 (2-ed. em: Mihai Eminescu, *Poezii = Poesias*. Lisboa, 1950, pp. 21-32).
4. «Canções romenas do Natal» em: *A Voz*, 25-XII-1942.
5. «Dor, a saudade romena» em: *Acção*, 31-XII-1942.
6. «Cultura latina: alguns lusófilos romenos» em: *A Voz*, 6-II-1943.
7. «A lenda de Mestre Manolé» em: *Acção*, 29-IV-1943.
8. «Liviu Rebreanu» em: *Acção*, 26-VIII-1943.
9. «Panorama intelectual da Roménia» em: *Diário de Lisboa*, 2-IX-1943.
10. «Estado salazarista» em: *Acção*, 30-IX-1943.
11. «Nicolae Iorga» *Acção*, 24-II-1944.
12. «A literatura romena contemporânea» em: *Bazar das Letras*, das Ciências e das Artes. Suplemento literário de *A Voz*, 15-IV-1944.
13. «A sociologia, instrumento de reforma social?» em: *Vida Mundial Ilustrada*, 22-VI-1944.
14. «Um mito romeno da morte» em: *Acção*, 29-IX-1944.
15. Mircea Eliade, *Salazar si revolutia în Portugalia*. Bucareste, 1942. [tradução portuguesa parcial: No. 10].
16. Mircea Eliade, *Os Romenos, Latinos do Oriente*. Lisboa, 1943.

**B. Bibliografia passiva**

1. Eugénio Navarro, «Um encontro com Mircea Eliade» em: *A Voz*, 27-XII-1942.
2. [resenha] «Os Romenos, Latinos do Oriente» em: *Diário da Manhã*, 12-IV-1943.
3. [resenha] «Os Romenos, Latinos do Oriente» em: *Novidades*, 25-IV-1943.
4. João Ameal, «Rumos do Espírito: as ideias e os autores» em: *Diário da Manhã*, 18-V-1943.
5. Alfredo Pimenta, «Roménia erudita» em: *A Voz*, 17-VI-1943.
6. Eugénio Navarro, «Os Romenos, Latinos do Oriente» em: *A Voz*, 14-VII-1943.

[Devo estas referências ao Professor Mircea Handoca, Bucareste]

**C. Obras de ficção traduzidas após 1944**

1. Mircea Eliade, *Noite bengali* [Maitreyi] tradução, Maria Leonor Buescu. Lisboa, 1961.
2. Mircea Eliade, *Bosque proibido* [Noapte de Sânziene] tradução, Maria Leonor Buescu. Lisboa, 1963.
3. Mircea Eliade, *Rua Mântuleasa* [Pestrada Mântuleasa] tradução, Ricardo Alberti. Lisboa, 1978.



**Referência**

von Brunn, A. — Mircea Eliade em Portugal (1940-1944). Revista ICALP, vol. 20 e 21, Julho - Outubro de 1990, 37-50.